

Sequência de vitórias amplia base no Congresso

Marcelo de Moraes
De Brasília

Logo depois de Luiz Inácio Lula da Silva ganhar a eleição presidencial, no fim de outubro, o PT se deparou com o desafio de formar uma maioria parlamentar no Congresso que lhe permitisse governar sem depender da boa vontade dos partidos de oposição e sem ter que recorrer ao fisiologismo.

Naquela ocasião, a bancada de Lula não garantia sequer a maioria simples na Câmara dos Deputados ou no Senado. Hoje, apenas um mês depois de tomar posse, Lula já pode comemorar a reversão desse quadro como a sua principal conquista no campo político.

Todos os partidos que formam sua base de sustentação (PT/PTB/PL/PSB/PPS/PDT/PC-doB/PV) vêm ampliando seus quadros dentro do Congresso. Além disso, o governo conseguiu também vulnerabilizar os focos de oposição, atraindo o apoio da maior parte das bancadas do PMDB e PPB e também de setores expressivos do PFL, como o grupo liderado pelo senador eleito Antonio Carlos Magalhães (BA).

Com isso, o governo já contabiliza o apoio seguro de pelo menos 300 dos 513 parlamentares da Câmara e cerca de 45 dos 81 senadores. Essa maioria deverá, inclusive, se ampliar. Com 308 votos na Câmara e 47 no Senado, Lula consegue votar qualquer alteração constitucional, o que facilita, por exemplo, a aprovação das propostas de reformas estruturais, como a previdenciária, tri-

butária, trabalhista e política.

Numa estratégia articulada pessoalmente pelo ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, o governo também conseguiu garantir o comando da Câmara e do Senado para políticos aliados diretos de Lula. Na Câmara, o deputado João Paulo Cunha (PT-SP) será eleito presidente da Casa sem ter sequer adversário na disputa. No Senado, os petistas obtiveram sucesso para fazer o senador José Sarney (PMDB-AP) ser indicado pela bancada do PMDB para a presidência da Casa. Depois de forte articulação política liderada por José Dirceu, o governo conseguiu que o senador Renan Calheiros (PMDB-AL) desistisse de sua candidatura em favor de Sarney.

Na campanha presidencial, Renan e seu grupo político apoiaram a candidatura do tucano José Serra. Já Sarney se alinhou com o PT ainda no primeiro turno. Por conta disso, o governo decidiu trabalhar politicamente para assegurar que Sarney seja eleito presidente do Senado, o que, avaliam, facilitará a tramitação na Casa de projetos de interesse de Lula.

Na prática, com o movimento de influência direta na escolha do PMDB, o governo inaugurou um novo modelo de intervenção na política de outros partidos, aliados oficiais ou não do Palácio do Planalto. Além de fortalecer Sarney e outros integrantes do chamado grupo rebelde do PMDB (como o governador do Paraná, Roberto Requião, e o se-

nador Pedro Simon), o governo tem agido para garantir ao grupo a maioria interna do partido.

O governo também tem investido para enfraquecer líderes políticos dos partidos aliados que possam representar problemas na preservação da base aliada. Políticos de temperamento forte, como o presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, e o ex-governador do Rio de Janeiro Anthony Garotinho (PSB), têm ocupado pouco espaço na nova administração. A idéia do governo é reduzir o espaço para os chamados "donos de partido", evitando que os votos de suas legendas acabem se desgarrando da base de sustentação de Lula.

Esse tipo de intervenção recebeu críticas internas na reunião da Comissão Executiva Nacional do PT, realizada na semana passada. A senadora Heloísa Helena (PT-AL) aproveitou o encontro para cobrar do secretário-geral da Presidência, Luiz Dulci, sobre a existência desse tipo de articulação política e sobre a possibilidade de estarem sendo prometidos espaços futuros no governo para os parlamentares que seguirem a orientação do Planalto. Dulci negou na reunião que esteja havendo algum tipo de trabalho desse tipo.

Apesar desse mal-estar político, a velocidade com que Lula conseguiu formatar sua maioria no Congresso, deixando a oposição absolutamente desorganizada, tem provocado elogios até de ex-adversários, como o atual presidente do Senado, Ramez Tebet

(PMDB-MS), que foi ministro da Integração Nacional no governo passado e pediu votos na campanha presidencial para José Serra. Tebet elogia o início de governo de Lula e seus pronunciamentos fortes. "Ele está sendo mais corajoso até do que foi o presidente Fernando Henrique Cardoso", compara.

O futuro líder do governo no Senado e no Congresso, Aloizio Mercadante (PT-SP), também admite que o desempenho de Lula no seu primeiro mês de governo superou as expectativas. "Consolidamos uma maioria no Congresso que diziam que seria muito difícil de conseguir e que poderia atrapalhar as votações das reformas. Diziam que por causa disso elas seriam lentas e difíceis, mas tudo indica que não será assim. Também houve sucesso no trabalho para que a presidência das duas Casas fosse para dois políticos afinados com o presidente Lula. Talvez tenhamos deixado de fazer algumas coisas, mas esse período inicial para estar correndo muito bem", avalia.

Mais cautelosos, políticos que começam a se alinhar discretamente com o novo governo preferem aguardar os primeiros resultados das votações. "As coisas estão começando agora.. Não é fácil num país com tantos problemas implantar um novo governo. A expectativa é que possamos adotar uma agenda que contenha as principais reformas e em torno delas montar uma sustentação do governo", afirma o senador Renan Calheiros.